

Viajante infatigável, o mais geógrafo dos poetas: Revisitando Camões a partir da obra de Orlando Ribeiro

Untiring traveller, the most geographer of poets: Revisiting Camões based on the work of Orlando Ribeiro

Jean Carlos Vieira Santos

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

svcjean@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-5746-1217>

Resumo

Este texto propõe uma apreciação da escrita de Orlando Ribeiro, ao combinar a literatura de Luís Vaz de Camões e a geografia. A partir da obra do geógrafo, a discussão evidencia as relações da escrita do notável poeta com as viagens, os lugares e as observações do meio vivido por ele. Nesse contexto, o objetivo central é revisitar o artigo “Camões e a geografia”, de Orlando Ribeiro (1980) e colocar questões por ele lançadas: Camões e a geografia? Qual é a capacidade investigativa de compreender Camões e sua geografia? Nessa premissa, o trabalho assenta na pesquisa bibliográfica, modalidade de metodologia pautada pela busca eletrônica e consulta de obras físicas. Ao analisar o texto de Ribeiro, os resultados compreendem a relação do legado poético de Camões e os fados “Verdes são os campos” e “Soneto Andreia”.

Palavras-chave: Natureza; viagens; fado; turismo literário; poemas.

Abstract

This text proposes an appreciation of Orlando Ribeiro's writing, combining Luís Vaz de Camões' literature and geography. Based on the geographer's work, the discussion highlights the relations between the notable poet's writing and his travels, places and observations of his environment. In this context, the central objective is to revisit the article “Camões and Geography” and answer the questions raised, e.g., what is the investigative ability to understand Camões and its geography? This paper is based on bibliographical research, a methodology focused on the critical analysis of texts. When analysing Ribeiro's text, results comprehend the relation between the legacy and the fates “Verdes são os campos” and “Soneto Andreia”, poems by Camões.

Keywords: Nature; trips; *fado*; literary tourism; poems.

1. Introdução

A proposta de revisitar mais uma obra do português Orlando Ribeiro não é uma viagem simples e rápida, sobretudo em razão dos contributos deixados pelo renomado investigador, que afirmava ter “uma vida de geógrafo andarilho” (Ribeiro, 1966: 99). Essa viagem iniciou pelo contato do pesquisador com textos de tal referência na biblioteca da Universidade do



Algarve, durante os estudos de doutoramento (2007 a 2008) e do pós-doutoramento em Turismo na Faculdade de Economia (2014 a 2015), em um tempo de aprendizado e mergulho profundo nas bagagens teóricas deixadas pelo pensador lusitano.

Diante disso, há a oportunidade de celebrar “o maior nome da Geografia Lusitana que nasceu em 16 de fevereiro de 1911 em Lisboa e faleceu em 17 de novembro de 1997 na cidade natal” (Santos, 2021: 1). Para tanto, a reflexão ora proposta traz à tona o “discurso orlandiano” (Guedes, 2010: 109) ou a “produção ribeiriana” (Garcia, 1998: 114), com base no texto do autor sobre o viajante infatigável Luís Vaz de Camões.

Essa referência para a geografia mundial se licenciou em história e geografia em 1932 e, em 1936, doutorou-se em geografia pela Universidade de Lisboa. Foi leitor de português em Sorbonne, Paris, de 1937 a 1940, quando assistiu às aulas de grandes mestres das referidas áreas da licenciatura, como Marc Bloch, Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon (Garcia, 1998; Santos, 2021).

Também passou pela Universidade de Coimbra, entre 1941 e 1943, e Universidade de Lisboa, de 1943 a 1981. Orlando Ribeiro criou, em 1943, o Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, o qual dirigiu até 1974. Em 1935, Orlando defendeu o trabalho de doutoramento em geografia com uma pequena, mas exemplar monografia sobre a Serra Arrábida, nos arredores de Lisboa, como esboço geográfico. Dedicou o trabalho investigativo ao seu país de origem na década de 1940, período que compreende a maior parte da Segunda Guerra Mundial, ao desenvolver intensos trabalhos de campo, sobretudo na região da Beira Baixa (Garcia, 1998; Santos, 2021).

Outro grande legado de Ribeiro compreende o ano de 1980, quando iniciou a publicação de Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, a qual conta com a presença de Suzanne Daveau, geógrafa francesa que anteriormente trabalhou como professora da Universidade de Dakar e, pouco antes, casara com Orlando (Garcia, 1998). De acordo com Santos (2022: 185), refletir sobre a obra do geógrafo português “é um desafio primordial para tentar entender sua experiência, além de ler, analisar e compreender os clássicos da ciência geográfica”.

Nesse contexto, o objetivo central do artigo¹ é revisitar e focalizar o manuscrito “Camões e a geografia”, de Orlando Ribeiro, publicado em 1980 na Revista Finisterra. De fato, o título do artigo revisitado estimula questões, como: Camões e a geografia? Qual a capacidade investigativa de compreender Camões e sua geografia? Como enfatizar a geografia de um não geógrafo de formação? Entende-se que essa desafiadora tarefa pode ser realizada a partir da leitura de Orlando Ribeiro, um legado que ultrapassa o tempo e continua presente nos grupos de estudos da academia em diferentes partes do mundo.

Tal trabalho se justifica pela riqueza dos textos ribeirianos; a genial análise geográfica de Portugal, das terras e gentes do Mediterrâneo e Atlântico; e o cuidadoso olhar para lugares turísticos, poetas e literatura lusitana, patrimônios urbanos, conceitos e análises conhecidos e responsáveis por profundas reflexões na geografia e em outros campos do saber.

Dessa forma, propõe-se outro percurso de viagem para visualizar a geografia de Camões a partir de dois poemas cantados por fadistas: “Verdes são os campos”, com música

¹ Este trabalho traz resultados parciais das leituras realizadas para o projeto de pesquisa financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrPUEG): “Geografia do Turismo no Cerrado: Análises de destinos e cidades em Goiás”.

e interpretação de José Afonso; e “Soneto Andreia”, com música de Edgar Nogueira e interpretação de Catarina Rosa. Esse tópico se desenvolve para entender a geografia de um não geógrafo que também foi musicada.

2. Procedimentos metodológicos: A investigação e o desejo de revisitar um clássico acadêmico

O presente texto aprecia a escrita de Orlando Ribeiro, ao combinar a literatura de Camões e a geografia. Conforme a obra do geógrafo, a discussão evidencia as relações da escrita do notável poeta com as viagens, os lugares e as observações do meio vivido por ele; logo, este não é um trabalho de geografia literária ou geografia da literatura, e sim a revisita que transita pelo legado ribeiriano, ao reconhecer a representatividade da obra desse geógrafo para o mundo como um “fermento” de compreensão que não finaliza a análise per se.

Diante dessa premissa, o trabalho se assenta na pesquisa bibliográfica, modalidade de metodologia pautada pela busca eletrônica e consulta de obras físicas. Andrade (2010: 15) lembra que esse levantamento teórico é obrigatório nos “estudos exploratórios” e, para adquirir o conhecimento apresentado, foi fundamental o aprofundamento das referências apresentadas ao final do artigo, que denota uma “fuga” de conceitos rasos e conflitantes.

O desejo de revisitar a referência norteadora deste trabalho demonstra que Ribeiro (1980) utilizou diversas palavras para abrilhantar a figura de Camões, ao exaltar o conhecimento naturalista e a trajetória viajante coroada pela sua maior obra, *Os Lusíadas*.

Cabe enfatizar que o título do artigo, além de aludir a um brilhante texto de 1980 desse geógrafo, representa diálogos com autores inseridos na (e externos à) geografia, ao se inspirar teoricamente por nomes como Ferreira (1998), Henriques, Silva e Santos (2023), Marandola Júnior e Gratão (2010), Quinteiro (2019), Santos, Lopes Filho e Leite (2023) e Valente (2008), com a abordagem de temas como o fado e os produtos turístico-literários. Como fazer pesquisa é viajar pelos clássicos, “adquirir conhecimento, é armazenar riquezas inestimáveis. É acumular uma poupança cujos rendimentos são úteis para toda a vida” (Seabra, 2009: 11). Sendo assim, este artigo visa analisar criticamente as produções de Ribeiro (1966, 1980, [1945] 1986), que permitiram ler e fazer fichamentos, bem como se entregar a uma escrita de passos firmes e seguros fundantes ao conhecimento geográfico e de áreas afins. Com base em Portuguez e Santos (2022), espera-se oferecer aos futuros pesquisadores um olhar geográfico interdisciplinar, com viés educativo e para as dinâmicas espaciais.

3. Revisitando Camões e a geografia: Parada obrigatória

Antes de revisitar a obra de Ribeiro (1980), torna-se imperioso sublinhar que o autor “Luís Vaz de Camões nasceu em Portugal, embora, por falta de documentação que comprove, não se saiba exatamente a cidade, bem como o ano de nascimento, que estaria compreendido entre 1517 e 1525” (Maia & Nunes, 2019: 55). O poeta tem ascendência galega, cuja família se fixou em:

[...] Vilar de Nantes, uma freguesia portuguesa no concelho de Chaves e mais tarde migrou para Coimbra e Lisboa, lugares estes nos quais se suspeita que o escritor tenha nascido [...]. Durante os anos de 1542 e 1545, morou em Lisboa e, no referido período, preferiu viver na corte de D. João III. Nesse triênio, obteve reconhecimento

e foi visto como poeta. Viveu em Coimbra durante alguns anos, onde frequentou o curso de Humanidades, mas não se sabe ao certo se ele chegou a frequentar a Universidade de Coimbra; especula-se tal fato já que seu tio, Don Bento Camões, era clérigo e chanceler da instituição, sem contar que seu grande conhecimento cultural pressupunha uma formação educacional consideravelmente rica para os padrões de uma pessoa comum, tendo, inclusive, contato com escritores espanhóis, italianos e gregos, os quais influenciaram sobremaneira seus escritos (Maia & Nunes, 2019: 55).

Falece Camões a 10 de junho de 1580 (ou 1579, por não haver registros sobre o ano correto) em Lisboa – Ribeiro (1966) também confirma a data de 1580. Segundo Maia e Nunes (2019: 56), Camões foi realmente reconhecido enquanto notável escritor somente “após sua morte. Apesar de ser associado normalmente à sua obra mais famosa, *Os Lusíadas*, de caráter épico e de exacerbado nacionalismo a cantar os feitos dos navegadores portugueses e exaltando o povo português”.

No que tange à data de nascimento de Luís de Camões, propõe-se um diálogo biográfico repleto de contradições no meio acadêmico e nos demais espaços onde se aborda o estudo literário, seja geografia, turismo, história, etc. Diante das considerações postas até aqui, afirma-se que este trabalho convida à reflexão geográfica clássica, à exaltação da escrita primorosa “de Orlando Ribeiro, geógrafo de muitos olhares e investigador do sentimento humano pelo território e pela natureza que se debruçou na vida sustentada por possibilidades de vários espaços e geografias” (Santos, 2022: 199).

Portanto, o presente artigo propõe uma parada obrigatória quando retorna ao texto “Camões e a geografia” como proposta de reflexão e contribuição a partir do legado orlandino, aplicável a uma geografia das primeiras décadas do século XXI que não se recusa e, tampouco, se inibe ao revisitar os clássicos de outras épocas. Essa viagem necessária se volta, principalmente, a campos do saber como turismo, literatura e artes discutidas e investigadas no âmbito da ciência geográfica.

Nesse entremeio de uma escrita que aproxima “todos os geógrafos e o legado de Orlando Ribeiro, não nos restam dúvidas da importância de revisitar os elementos mais importantes das estantes das bibliotecas e dos websites das livrarias virtuais” (Santos, 2022: 199). Aqui, a revisita se associa à ideia de ressaltar um geógrafo habituado à leitura dos clássicos literários da sua época, com a proposta de superar as lacunas do conhecimento de uma viagem realizada por um dos maiores nomes da geografia mundial.

O texto orlandino sublinha que “Camões não é só o cantor das glórias lusíadas e das líricas que se situam em tantos lugares por onde andou, mas o mais geógrafo dos poetas” (Ribeiro, 1980: 153). Para efeitos de estudo e análise, o mais geógrafo dos poetas aparece no título do artigo acompanhado da escrita “viajante infatigável”, pois o referido autor arrazoia que Camões é “homem de cultura humanística e científica, como se diria hoje, viajante infatigável, conhecedor de grande parte do mundo que descreve” (Ribeiro, 1980: 153).

É preciso informar simplesmente que Camões, não geógrafo de formação, se refere a fenômeno literário que atualmente abrange o mundo inteiro. No artigo de Ribeiro (1980), que à luz de outros paradigmas poderia ser apenas um estudo literário, aqui se considera o tronco principal da proposta de estudo e análise na geografia do turismo, o que não implica rupturas com a vasta obra ribeiriana.

Na introdução do texto, Ribeiro (1980: 155) sintetizou que sua leitura é apenas “um testemunho de boa vontade”, por não ter escrito para confrontar as obras citadas no seu

trabalho. Apesar de não haver uma definição universal aceita da geografia de Camões, explana-se que:

Camões compreendia perfeitamente que a Geografia não consistia só na enumeração dos países e das cidades, na indicação das montanhas e dos rios, nem mesmo nas mais recentes informações colhidas sobre o Globo; mas que ela é verdadeiramente a reunião de todas as notícias que se possam obter sobre as diferentes regiões da terra, sobre sua configuração e seu relevo, acerca do seu clima, produções e habitantes, em suma, o conjunto de todos os conhecimentos que foi possível adquirir sobre estes objetos desde as mais remotas idades; em razão das mudanças e das transformações que de contínuo se estão dando, e das gerações que sem cessar se produzem (Ribeiro, 1980: 154-155).

Na esteira de Ribeiro (1980: 155), verifica-se que “Camões entrou no mundo da Geografia pela mão do próprio fundador da Ciência, Alexander Von Humboldt, um dos maiores naturalistas e viajantes de todos os tempos.”. Por um lado, no que concerne à palavra “viagem”, Ribeiro (1980) a conceitua inserida na geografia de Camões, ao colocá-la como vertente que sobressai nos estudos realizados. Por outro lado, o recorte teórico aqui investigado, contribui para ver um Camões turista, e não apenas para a sua inserção na geografia.

Isso não significa que o objetivo deste estudo será mudado, mas, em virtude da importância do trabalho de Ribeiro (1980), há várias possibilidades de leituras e com tratativas contemporâneas. A obra rememora que Camões escreveu em um país de censura inquisitorial rigorosa, cuja descrição visou:

[...] mostrar a máquina do mundo e cartografar e descrever com notável rigor as suas partes telúricas, só tem comparação com a terceira descoberta do mundo através dos satélites, vista pela primeira vez não na imagem das terras e dos mares, representados com toda a exatidão, mas com a incomparável variedade do mundo contemplado de fora da morada permanente do homem – e da sua visão original do Cosmos (Ribeiro, 1980: 158).

Como objeto de estudo do presente trabalho, o artigo advém, na maior parte, de diversas leituras acadêmicas ribeirianas. Esse intelectual, a serviço da geografia, expõe uma janela que singularmente se adiciona à relevância de Camões, não apenas com visibilidade para a geografia do poeta, mas por seus escritos serem envolventes e inesgotáveis.

Aqui se sobressaem as fontes geográficas e cosmográficas de Camões, em que Ribeiro (1980) lança a seguinte hipótese: no comércio entre eruditos, os manuscritos “corriam” antes dos livros impressos e é muito provável que o poeta português tenha conhecido a África e, principalmente, a perda geographia em latim, ou seja, tal conhecimento foi obtido a partir de um manuscrito desgarrado. Nesse ínterim, “Camões conhecia os geógrafos e cosmógrafos medievais, que escreveram em latim” (Ribeiro, 1980: 161) e, na condição de estudioso, se sensibilizou a essa questão, sem negar o conhecimento daquela época.

Com a obra disponível, na Revista *Finisterra*, Ribeiro (1980: 165) reafirma que “Camões não foi unicamente poeta, mas também homem universal do Renascimento, com uma cultura humanista de base, alargada por leituras como por viagens que realizou”. Esse não geógrafo de formação esteve em Marrocos, Macau, Cabo da Boa Esperança (duas vezes)

e costa oriental de África. Tais estadas lhe proporcionaram uma experiência de viajante desconhecida pelos poetas do seu tempo, ao descrever minuciosamente o que viu de fato. Para Ribeiro (1980), Camões tinha perfeita noção da geografia do próprio tempo, da Terra conhecida e das suas partes, em que possuía dotes e expressão de observador. Era um homem universal do Renascimento, sabedor da mitologia clássica e conhecedor profundo da história de Portugal, tanto na Europa como nos:

Descobrimentos, naturalista tanto quanto o podia ser um observador escrupuloso e arguto, antes dos grandes sistemas só elaborados a partir da segunda metade do século XVIII, sensível à pujante natureza tropical e atraído pelo encanto das mulheres de cor, o mundo das ideias de Camões conta-se entre os mais vastos do seu tempo (Ribeiro, 1980: 164).

Nesse sentido, o trabalho de análise realizado neste artigo entende que determinadas palavras relevantes para a geografia contemporânea, como natureza, campos e tempo, estão presentes nos poemas de Camões. Isso será observado a partir dos temas cantados por fadistas na próxima seção, cujos recortes teóricos mostram que não são raras as ocasiões em que se depara com o vocabulário geográfico na poética camoniana. Também podem ser destacadas, na “Descrição Geográfica de Os Lusíadas” (Ribeiro, 1980: 168-169), as expressões “mundo, globo, zona, setentrional, ocidente, oceano e austral”.

Conforme Ribeiro (1980), Camões tinha perfeita noção da geografia, visto que o vocabulário geográfico do próprio tempo e utilizado em seus textos possuem várias acepções e necessidades. Dessa forma, não é fácil definir e estabelecer, com precisão, a geografia de Camões a partir do estudo orlandino, mas este último provoca profundas considerações sobre a temática, em que todas “as ciências, de uma forma geral, possuem conceitos-chave que dão sustentação ao seu objetivo de reflexão (Silva, 2018: 292).

Sendo assim, o esforço analítico realizado neste artigo pretende auxiliar futuros trabalhos sobre a trajetória reflexiva para a pesquisa teórica em geografia. Desde os tempos de Camões, tal ciência se propôs a investigar os fenômenos terrestres, questão que subsidia o pensamento da interdisciplinaridade que poderá se fundamentar em tais fontes.

À luz dessa leitura e em conformidade à obra ribeiriana, um dos primeiros requisitos de Camões para ser geógrafo era “o sentido de localização, mais ainda o sentido da precedência dos lugares sobre o decurso da história” (Ribeiro, 1980: 168-169), em que possuía um conhecimento claro e minucioso da Europa. Entretanto, convém esclarecer que, na abordagem acerca da vegetação de *Os Lusíadas* e do comércio das espécies, o autor discute sobre o mundo tropical e argumenta que “Camões não foi sensível à beleza das matas tropicais” (Ribeiro, 1980: 173).

Em *Os Lusíadas*, Camões utiliza os conhecimentos do seu tempo com poderosa erudição e uma instrução científica completa. Como “espírito da Renascença, conheceu a fundo e discutiu teoricamente os grandes nomes da arte e do pensamento da Antiguidade; os naturalistas são seguidos sem que a natureza seja observada” (Ribeiro, 1980: 173). Ainda segundo o referido autor, no “canto X, seguramente aquele em que Camões mais acentuou cientificamente da sua obra, não se encontram descrições da natureza tropical, mas apenas uma relação de ricos produtos e custosas especiarias” (Ribeiro, 1980: 175).

Quanto à importância da natureza nos registros poéticos de Camões, Ribeiro (1980) explica que, em *Os Lusíadas*, uma flora poética aparece em Ilha dos Amores, onde se

sobressai a feição mediterrânea que está perfeitamente de acordo com a intenção do poeta. Alguns procuram vestígios de plantas tropicais de modo ineficiente e, “das vinte e quatro plantas de que, na descrição de Camões, se compõe a flora da ilha, não há uma que não seja espontânea de Portugal e regiões vizinhas” (Ribeiro, 1980: 178). Convém salientar que os materiais botânicos que edificam a vegetação da sua ilha são essencialmente portugueses.

Segundo Henriques e Dias (2016), Camões, exato e rigoroso, citou espécies que formam um tipo de vegetação entendido como um todo coeso, a exemplo da flora de um lugar específico ou da geografia botânica. Na análise do Canto IX, são identificadas vinte e quatro plantas referidas nas estrofes camonianas, as quais são vistas como espécies integradas no âmbito da paisagem mediterrânica: laranjeira, álamo, pinheiro, pessegueiro, pereira, narciso, lírio-roxo, manjerona, cidreira, loureiro, cipreste, amoreira, videira, anémola-silvestre, rosa, jacinto, limoeiro, mirto, cerejeira, viola, açucena, bonina, romãzeira e ulmeiro. Cabe ainda enfatizar que a:

[...] Flora mediterrânica, foi então perspetivada como detentora de um novo “significado” no contexto da obra épica de *Os Lusíadas*, uma vez que apesar da “Ilha dos Amores” remeter para o locus amoenus, as espécies botânicas nela salientadas, segundo uma leitura de Ficalho (1880), são comprovadamente mediterrânicas (Henriques & Dias, 2016: 329).

Apesar de perpassar brevemente a vegetação de *Os Lusíadas*, reforça-se no trabalho de Henriques e Dias que a geografia das plantas de Camões, associada ao testemunho de boa vontade orlandino, merece outros aprofundamentos investigativos e viagens por esse destino teórico, pois aparenta ser uma reflexão inesgotável, com contribuições que poderão dialogar com a biogeografia contemporânea e a situar no contexto do poeta português e sua geografia.

Ao se inserir no mundo de Camões pelas escritas de Ribeiro (1980), observa-se que *Os Lusíadas* glorificam os lusos, e a grande revolução do mundo pelas navegações ibéricas é atribuída apenas aos portugueses. Para o autor estudado, Camões se sentiu sempre demasiado português e se entusiasma com as glórias dos seus maiores ícones para se elevar a uma concepção ibérica da descoberta do mundo.

Segundo Ribeiro (1980: 194), outro geógrafo que estudou Camões foi o inglês “Oskar H. K. Spate, que ao contrário de alguns patriotas seus muito em voga, não fabricou teorias, mas descreveu e interpretou (essência da Geografia um dos importantes espaços naturais e humanos: Índia & Pakistan (1954))”, que aprendeu português ao ler as obras épicas e líricas do poeta. Desse modo, apreende-se que:

Enquanto *Os Lusíadas* foram escabichados em relação à enorme cultura renascentista de Camões – ao mesmo tempo humanística, cosmográfica, geográfica e botânica – apenas a alusão de SPATE abre a perspectiva nova, que consiste no confronto da inspiração mais livre do poeta, que na rigidez das oitavas de *Os Lusíadas*, recheadas de alusões e comparações com a mitologia antiga, não podia deixar correr simplesmente a inspiração e a sugestão dos lugares onde o seu destino erradio o levou (Ribeiro, 1980: 195-196).

Devido este artigo ser uma análise do texto de Ribeiro (1980), compreendeu-se que nenhum outro poeta talvez possuísse vastos conhecimentos de cosmografia e geografia e se

inspirasse neles – certamente, ninguém soube transmiti-los como ele. A leitura mostra o sentimento de Ribeiro (1980: 197) por Camões como “uma divindade tutelar das Ciências da Terra, desde o seu lugar no mundo até aos espaços e aos povos que dão às regiões uma fisionomia própria e inconfundível que ele tão bem soube captar”.

No aprofundamento da leitura do texto analisado, são constatados posicionamentos embebidos de várias emoções e do compromisso com a obra. Ribeiro (1980) mescla sua cumplicidade com a geografia e as leituras de outros autores, ao mobilizar a emoção de quem lê um texto escrito rebuscadamente a partir de outros tempos, mas com conexões contemporâneas potentes.

A viagem pespassa temas harmonizados com a geografia atual, entre eles o turismo, a arte, a gastronomia, a música, o património e outros que formam teias com as categorias geográficas. Esse caminho leva a considerar “Camões e o Fado”, tema a ser abordado na próxima seção, para compreender outra vertente do poeta, contexto desencadeado pela leitura do clássico ribeiriano e cuja reflexão consegue unir a escrita do viajante infatigável ao fado.

4. Camões, a Geografia e o Fado: A importância da revisita e das perspectivas

Como o tema central deste trabalho revisita o pensamento de Orlando e sua relação com a obra de Camões, propõe-se vislumbrar a perspectiva geográfica em dois temas do fado, “Verdes são os campos” e “Soneto Andreia” (Quadro 1), poemas de Luís de Camões cantados pelos fadistas José Afonso e Catarina Rosa, nos quais não se pode desconsiderar a influência de Alexander Von Humboldt. Cumpre afirmar que, na leitura do artigo de Ribeiro (1980), cabe reconhecer a importância de Humboldt para Camões.

Quadro 1. Temas de Camões no Fado

Verdes são os campos	Soneto Andreia
Verdes são os campos, Da cor de limão: Assim são os olhos Do meu coração.	Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades Muda-se o ser, muda-se a confiança Todo o mundo é composto de mudança Tomando sempre novas qualidades
Campo, que te estendes Com verdura bela Ovelhas, que nela Vosso pasto tendes, De ervas vos mantendes Que traz o Verão, E eu das lembranças Do meu coração.	Continuamente vemos novidades Diferentes em tudo da esperança Do mal ficam as mágoas na lembrança E do bem, se algum houve, as saudades O tempo cobre o chão de verde manto Que já coberto foi de neve fria E e em mim converte em choro o doce canto
Gados que pasceis Com contentamento, Vosso mantimento Não no entendereis Isso que comeis Não são ervas, não: São graças dos olhos Do meu coração.	E afora este mudar-se cada dia Outra mudança faz de mor espanto Que não se muda já como soía

Fonte:

https://www.portaldofado.net/component/option,com_letras/Itemid,446/task,detail/id,275/lang,pt/.

O tema “Verdes são os Campos” traz o mesmo título da poesia de Camões; no entanto, “Soneto Andreia” é o título dado pelos fadistas a “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” (Camões, [1572] 2011). Pela leitura dos temas camonianos, percebemos que na sua obra temos a alma lusitana e acima de tudo as fontes onde deve-se buscar as informações para as investigações de hoje. Assim, Silvestre (2015: 260), afirma que a “música tem um valor incontestável para a apropriação e apreensão do real, permitindo conhecer a conceção do mundo e dos seus elementos, e, ainda, pela evocação ou imaginação, entender o passado e projetar o futuro”.

Dessa forma, Henriques, Silva e Santos (2021: 466) arrazoam que, em 2011, o Fado obteve a “classificação de Património Imaterial da Humanidade, com a sua inscrição na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade”. Nesse entremeio, Santos, Lopes Filho e Leite (2023: 14) reforça que a canção lusitana permite às pessoas viajarem “pelo íntimo de uma poética cultural e musical que teve suas origens nos bairros de Lisboa, cuja alma contemporânea está no cotidiano do povo português, na poesia pessoana, nas ondas da rádio Amália FM e no mercado turístico”.

O fado tem lugar, sobretudo, nos roteiros turísticos das cidades portuguesas do sul ao norte, em que se assiste a uma música-patrimônio que se turistificou de fato. De acordo com Ferreira (2006) e Santos (2022), a voz do fado, Amália Rodrigues, cantou Camões, o que proporcionou novos horizontes ao ritmo e representou novos conteúdos culturais; entretanto, não ousou cantar Fernando Pessoa porque não era, a seu ver, cantável.

Valente (2008: 10) define o fado como uma canção viajante, ao reiterar “sua capacidade de se autotraduzir, ao longo do tempo, de maneira a manter-se vivo na paisagem sonora”, além de enfatizá-la como uma música de liberdades poéticas. Na abordagem do contexto de “turista”, Ribeiro (1980), por exemplo, dialoga com o fado viajante que também se apropria dos escritos de Camões. Nesse prisma, revisitar a obra ribeiriana contribuiu sobremaneira para as reflexões empreendidas, uma vez que abarcam análises de um poeta com a geografia para além da academia.

Diante do objetivo de revisitar a obra de Ribeiro (1980), surgiu o interesse em investigar Camões e o fado, com base na geografia sob a perspectiva musical. Nos temas “Verdes são os campos” e “Soneto Andreia”, indica-se que os espaços tidos como “Verdes são os campos” e “O tempo cobre o chão de verde manto” refletem sobre as condições da natureza e reforçam o que foi citado por Ribeiro (1980): Camões tinha uma perfeita noção da geografia do seu tempo, da Terra conhecida e das respectivas partes. Inclusive, é possível se apropriar das palavras de Santos (2007) e compreender que, diante da natureza ou de uma paisagem, a vontade de apreendê-la se exerce sobre os conjuntos.

Tal acentuação é posta também em “Que já coberto foi de neve fria”, cuja questão climática considerada no poema musicado precisa ser destacada, por ser um conhecimento que assegura a robutez do olhar empírico do poeta – as observações são caras à geografia e se baseiam, sobretudo, em uma cultura poética que une o drama humano com a natureza. Em outras palavras, confirmam-se os pressupostos de Ribeiro (1980: 197) sobre Camões comparado a “uma divindade tutelar das Ciências da Terra”, cujo contexto contribuiu para

algumas análises realizadas pela obra orlandina sejam reveladas, principalmente sob o ponto de vista do título do trabalho analisado.

Outra parte, “Campo, que te estendes / Com verdura bela”, corresponde a um olhar com interface de conhecimento das Ciências da Terra, contexto que proporciona a leitura permeada de “geograficidade, de poética e de imaginação” (Marandola Junior & Gratão, 2010: 13). Essa poesia advém de um mundo composto por mudanças, tempo, lugar e muitas geografias; por isso, Camões transcendeu a sua época. Para Ribeiro ([1945] 1986: 210), a palavra “verdura” define a paisagem clássica portuguesa, com “aquelas verduras macias, aquela terra produtiva e ocupada”; nas observações de ambos, “a verdura bela/macia” é definida como uma região portuguesa, desvendada nas escritas e em um lugar de encontro entre a poesia, o fado e a geografia.

Tem-se a ciência de que o mundo viajante de Camões é desvelado não apenas na geografia de Orlando Ribeiro e nos fados de Amália Rodrigues, José Afonso e Catarina Rosa, o que também não é novidade nos diferentes campos do saber do meio acadêmico; logo, considera-se pertinente dialogar com roteiros literários nos quais nem sempre Camões é a atração principal, como no exemplo a seguir – isso não invalida e, tampouco, distorce a grandeza do maior nome da literatura portuguesa. A propósito, os produtos turístico-literários mais comuns são:

[...] os itinerários, também designados passeios, circuitos, roteiros, caminhadas ou percursos. São estes que alinham de forma coerente um conjunto de lugares literários a que associam uma narrativa que estabelece a ligação entre os diferentes pontos geográficos e entre estes pontos e os textos e autores (Quinteiro, 2019: 7-8).

Um exemplo de itinerário literário que confirma a realidade escrita no parágrafo anterior, em que Camões não era o objeto central do passeio, ocorreu durante a visita guiada “Rural em reflexão na cidade: espaços e escritores”, realizada em 7 de setembro de 2023 na Universidade Coimbra. Uma proposta de visita que trouxe uma poética que transfigura e reconstrói o destino em um discurso de significações múltiplas, em que os visitantes vivem o lugar (Barbosa & Santos, 2022).

Nesse roteiro literário se salientam as oponências de Miguel Torga, Eduardo Lourenço, Fernando Namora e Eça de Queiroz, em uma visita enriquecedora e fecunda para os sujeitos de diferentes áreas do conhecimento que participavam do evento. Entretanto, o grupo de pesquisadores “turistas literários” manifestou interesse em conhecer a relação de Camões com a Universidade de Coimbra e, naquele momento, a caminhada atingiu outro sentido fértil, pois a presença do pesquisador na cidade universitária remetia à necessidade de mergulhar na relação da caminhada com o mundo camoniano, mesmo que tal interesse ultrapassasse a proposta da visita guiada. Diante dos questionamentos, não ocorreu uma peregrinação de informações pelo íntimo de Camões em Coimbra, mas apontamentos possíveis e incompletos foram citados durante o percurso realizado, o que gerou certo grau de satisfação ao grupo.

Em vista disso e dos caminhos percorridos neste artigo, a reflexão não se esgota aqui, pois se abre a outras perspectivas de análises devido ao sentimento de que Orlando Ribeiro e Luís de Camões são inesgotáveis. As viagens e a exploração de obras científicas (ou não) são necessárias para promover encontros em universidades, visitas guiadas, salas de aula, museus, eventos e outros lugares plurais. Por esse motivo, a revisita do texto ora eleito

enveredou por um novo caminho literário para descobrir que os geógrafos podem se renovar e continuar com a interação com as infinitas possibilidades de leituras dentro e fora da ciência geográfica.

5. Considerações finais

No tocante ao estudo realizado neste artigo, a obra ribeiriana mostrou que Camões não escreveu *Os Lusíadas* enclausurado em um gabinete, apenas com suas noções e ideias, pois partiu da geografia e da relevância do empírico para essa ciência e foi um viajante que conseguiu despertar no leitor o interesse por lugares, paisagens e territórios. Entende-se que este artigo apresenta uma leitura provisória, mas, após o estudo realizado, a melhor definição para o texto de Ribeiro (1980) é a presença do sujeito em movimento, do viajante, do olhar empírico e, porque não, do poeta em seus trabalhos de campo como descobridor de outros sítios.

Pela experiência profissional e diante dos estudos realizados pelo pesquisador, corrobora-se que a maior limitação para a construção deste artigo foi a falta de conhecimento profundo sobre a obra de Camões. A vasta obra de uma das maiores referências da literatura mundial ultrapassa a capacidade de entendimento das influências de tais escritos na geografia e no turismo, área priorizada na construção dos trabalhos e produtos científicos. Estudá-lo a partir de Orlando Ribeiro foi uma oportunidade ímpar de conhecer um fragmento camoniano inserido na rica biblioteca Finisterra.

Entretanto, não faltou coragem para o escritor deste texto propor a viagem pelo primoroso texto de Ribeiro (1980), o qual representa um marco na geografia mundial. Assim como toda leitura ou pesquisa científica, deixam-se lacunas para realizar novas investigações e viagens acadêmicas, no sentido de trazer à tona o legado ribeiriano e camoniano para a reflexão em diferentes campos da geografia, do turismo, da história, da literatura, da música e de outros campos do saber.

Esses autores não são somente palavras e textos, e sim perspectivas de novas pesquisas sobre os caminhos percorridos por eles, as cidades de residências e visitadas, as estradas, as ruas, as praças, as bibliotecas, os cafés, enfim, os vários cenários ainda guardados nas linhas de suas obras. Existem dois viajantes, um andarilho e outro infatigável; por conseguinte, há muito para contar, escrever e revelar, pois suas obras clássicas perduram até os dias atuais. Para futuros trabalhos, há a possibilidade e a perspectiva de outras investigações também recompensadoras, com os escritos de um geógrafo que representa um marco à ciência mundial.

Destarte, nas considerações finais e ao longo da secção “Camões, a geografia e o fado”, acredita-se ter respondido às questões especialmente lançadas na introdução deste artigo. Por evidenciar a importância das referências investigadas, os mundos ribeiriano e camoniano demonstram as imperfeições não apenas da abordagem de assuntos em seus textos atuais e presentes na sociedade do século XXI, como também a relevância de revisitar as obras clássicas, pois os tempos são outros, mas as grandes marcas literárias permanecem.

Referências

- Andrade, M. M. (2010). *Introdução à metodologia do trabalho científico: Elaboração de trabalhos na graduação*. Atlas.
- [Barbosa, O. X. & Santos, J. C. V.](#) (2022). Cafés e turismo nos quintais do centro histórico da cidade de Goiás. *Revista Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, 41, 70-89. <https://doi.org/10.18089/DAMeJ.2022.41.4>
- Camões, L. V. de. ([1572] 2011). *Sonetos de Camões*. Edição comentada e anotada por I. F. Torralvo & C. C. Minchillo. Ateliê Editorial.
- Ferreira, R. M. M. (2006). *Amália Rodrigues: Com que voz, cho(ra)rei meu triste fado! – a poesia no universo da fadista Amália* [Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta de Lisboa].
- Ficalho, C. (1880). *Flora dos Lusíadas*. Academia Real das Sciencias.
- [Garcia, J. C.](#) (1998). Orlando Ribeiro (1911-1997): O mundo à sua procura. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, 15, 107-116.
- Guedes, M. T. V. S. (2010). *O Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].
- [Henriques, C. & Dias, F.](#) (2016). A Flora Mediterrânica no Património Literário Camoniano: sua valorização turística na paisagem algarvia. *International Journal of Scientific Management and Tourism*, 2 (1), 319-332.
- Henriques, C., Silva, J. A., & Santos, M. (2021). Casas de Fado de Lisboa: Entre autenticidade e turistificação. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 13(2), 460-488. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i2p460>
- [Maia, T. P. & Nunes, V. Z.](#) (2019). Camões lírico: Uma abordagem histórico literária. *Leopoldianum*, 45(127), 53-69. <https://doi.org/10.58422/releo2019.e928>
- Marandola Junior, E. & Gratão, L. H. B. (2010). *Geografia e Literatura: Ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação*. EDUEL.
- Portuguez, A. P. & Santos, J. C. V. (Orgs.) (2022). *Geografia, educação ambiental e dinâmicas espaciais*. Barlavento. <https://doi.org/10.54400/978.65.87563.31.2>
- [Quinteiro, S.](#) (2019). Os lugares da literatura: Mapas e rotas literárias. *Cultur*, 13(2), 4-13. <https://doi.org/10.36113/cultur.v13i2.2633>
- [Ribeiro, O.](#) (1966). Veneza. *Finisterra*, 1(1), 99-110. <https://doi.org/10.18055/Finis2558>
- [Ribeiro, O.](#) (1980). Camões e a geografia. *Finisterra*, 15(30), 153-199. <https://doi.org/10.18055/Finis2201>
- Ribeiro, O. ([1945] 1986). *Portugal – o Mediterrâneo e o Atlântico* (4.a Ed.). Sá da Costa.
- [Santos, J. C. V.](#) (2021, 29 de maio). Dia do Geógrafo: Tempo de celebrar o português Orlando Ribeiro. *Jornal Mundo Lusíada*, 1.
- Santos, J. C. V. (2022). A natureza na obra “Portugal – O Mediterrâneo e o Atlântico”, de Orlando Ribeiro. In A. P. Portuguez & J. C. V. Santos (Orgs.), *Geografia, educação ambiental e dinâmicas espaciais* (pp. 183-200). Barlavento.
- [Santos, J. C. V.](#) (2022). Ensaio acerca de Amália Rodrigues, o fado e o turismo. *Revista Percurso – NEMO*, 14(1), 47-60.
- [Santos, J. C. V., Lopes Filho, J. J., & Leite, J. A.](#) (2023). Overseas music in the soundscapes of the cerrado: The captivating fado in the state of Goiás and the Federal District, Brazil. *Revista Cerrados*, 21(1), 3-19. <https://doi.org/10.46551/rc24482692202301>
- Santos, M. (2007). *Pensando o espaço do homem*. Edusp.
- Seabra, G. (2009). *Pesquisa científica: O método em questão*. Editora da Universidade Federal da Paraíba.
- Silva, R. R. F. (2018). Uma busca de refletir a geografia enquanto área do conhecimento. In Vasconcelos, C. A. (Org.), *Tecnologias, Currículos e Diversidades: Substratos teóricos-práticos da/na educação* (pp. 287-301). Edufal.
- Silvestre, V. F. S. de A. (2015). *O Fado e a questão da identidade*. [Tese de Doutorado, Universidade Aberta].
- Valente, H. A. D. (2008). *Canção d'Além-Mar: O fado e a cidade de Santos*. Realejo.

JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS tem um pós-doutoramento em Turismo pela Universidade do Algarve, Doutorado, Mestrado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É professor nos cursos de Gastronomia e Administração da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Caldas Novas) e nos Programas de Mestrados em Geografia (PPGEO-UEG/Cora Coralina) e Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER-UEG/Anápolis). Tem interesses em temas relacionados a Geografia do Turismo, Estudos Interdisciplinares do Turismo e Narrativas de Viagens, Destinos Turísticos e Povos Oleiros do Cerrado. Endereço institucional: UEG, Rua B/8 Q. 18, S/N - Parque das Brisas, 75690-000, Caldas Novas (GO), Brasil.

Submetido em 1 fevereiro 2024

Aceite em 10 abril 2024